

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 2 - NÚMERO 2 - JANEIRO A JUNHO DE 2005

[início](#)

HISTÓRIAS DE VIDA E PESQUISA: UMA LEITURA EM WALTER BENJAMIN

Jader Janer Moreira Lopes
UFF

ABSTRACT – Bearing on the ideas of /Walter Benjamin, this study discusses the use of life histories and biographical narratives as a way to do research in human sciences. It also discusses the role of the researcher in his relation with such materials, concluding that it should search in the individual the collective and in the past the conditions to change the present.

Tanto me contaram a história que ela se transformara na minha primeira recordação da infância. Revejo ainda hoje a minha mãe deitada na cama branca, a sua fisionomia de olhos compridos, o quarto cheio de gente e uma voz sumida que dizia:
- Mariam deixa êle engatinhar para eu ver.
Pus-me a engatinhar pelo chão de tijolo e a minha mãe sorria e eu ouvia o chôro convulso da minha tia (...)
José Lins do Rego

A epígrafe acima inicia o livro, escrito em 1956, de José Lins do Rego, intitulado “Meus verdes anos” e, como o próprio autor afirma, é um texto autobiográfico, em que a narrativa centra-se em lembranças da infância:

Chamei de verdes anos os tempos da minha primeira infância. E em livros de memórias procurei reter tudo o que ainda me resta daquela ‘aurora’ que para o poeta Casimiro fôra a das saudades, dos campos floridos, das borboletas azuis. Em meu caso as borboletas estiveram misturadas a tormentos de saúde, a ausência de mãe, a destemperos do sexo. E tantos espantos alarmaram os meus princípios que viriam

êles me arrastar às tristezas que não deviam ser as de um menino. (REGO, 1956: 7)

O ato de estabelecer um encontro com o passado, de rememorar, cria-nos a possibilidade de conhecer a partir de fragmentos de tempo, singularidades que dialogam com uma história maior, que muitas vezes encobre o cotidiano e se faz como que deslocada desse. Esse caminho tem sido pródigo na literatura, onde encontramos vários autores que, ao situarem sua história pessoal, traçam-nos um relato de suas vivências, de seu tempo.

A utilização de narrativas biográficas como caminho de pesquisa, entretanto, ainda tem gerado muitas questões e dúvidas: Como escolher os informantes? O que escrever sobre uma determinada pessoa? Como promover a transcrição do texto? Como dialogar história pessoal com uma história mais ampla?

Godson (in NÓVOA, 1992) nos dá alguma resposta ao relatar uma frase de Robin Morton:

Apoderou-se de mim a convicção de que era no cantor que a canção se tornava relevante. Analisar a canção em termos de tema, ou de estrutura rítmica, ou de variação de compasso, torna-se na minha opinião, irrelevante, se esquecer a pessoa que transmite a canção. Já todos nós temos cruzado com especialistas que é capaz de falar, horas a fio, eruditamente, sobre canções populares sem mencionar o cantor. Já é mal bastante esquecer-se o contexto social, mas quando se trata de ignorar o contexto individual, castra-se a canção. À medida que conseguia conhecer cantores, conseguia compreender melhor suas canções.

A noção expressa acima demonstra a importância de se resgatar os sujeitos, enquanto produtores de saberes históricos, muitas vezes ignorados no processo de conhecimento da realidade e nos alerta para a importância de se trabalhar com histórias de vida. Nóvoa (1992) corrobora essa afirmação ao afirmar que a utilização de tal estratégia é fruto de insatisfações das ciências humanas frente ao seu principal gerador de estudos: os homens e mulheres, que muitas vezes são tratados como objetos, perdendo assim todo o seu caráter polifônico (Bakhtin, 1992; 1995).

E são essas singularidades que nos remete a Walter Benjamin, buscamos em suas idéias, alguns referenciais que possam aproximar-se dessas histórias de vida, ajudando-nos a construir um olhar que desvela um tecido elaborado a várias mãos, onde diversos sujeitos se encontram para se constituírem em humanidade, são, assim fatos únicos, contos ainda não contados.

Benjamin teceu críticas às organizações sociais de seu tempo, vislumbrando com atualidade os caminhos que o movimento socialista (e mais,

especificamente, o socialismo soviético) tomava. Apresentava críticas ao determinismo histórico, entendendo que a história não se faz sem a intervenção dos sujeitos:

Para ele, a convicção de estar nadando no sentido da correnteza é perigosíssima: ela nos leva a encarar a história do ângulo de um inevitável conservadorismo. A idéia de que o desenvolvimento das forças produtivas engendra uma onda que, afinal, de um modo ou de outro, sempre nos empurra para frente era, para Benjamin, uma idéia tendenciosa, enganadora: ela nos leva a ver os problemas sociais de um ponto de vista que já não é o das pessoas dos trabalhadores, mas o do próprio trabalho. Ao enfatizar os progressos na dominação da natureza, ela tende a obscurecer os retrocessos que se dão na sociedade. (KONDER, 1988: 7)

As críticas ao seu tempo, nos dão uma idéia da concepção de história cunhada por esse autor e é, na vanguarda de suas teorias, que buscamos encontrar algo que nos possibilite dialogar com a história de vida como caminho de pesquisa.

O FUTURO DO PRETÉRITO

Em seu texto “Experiência e Pobreza”, Benjamin

...começa com uma narração lendária, um conto antigo (...), que nos explica como nos tornamos ricos. É a história do pai que, no leito de morte, revela a seus três filhos que um tesouro está escondido no seu vinhedo, que eles o descobrirão sob a condição de trabalhar e cavar sem folga. Os filhos obedecem e não encontram nenhum tesouro, mas suas vindimas serão as mais abundantes do país, pois não mediram esforços. A riqueza, reconhecem eles então, não provem de nenhum tesouro, mas sim da experiência que o pai moribundo lhes transmitiu. (Gagnebin, 1999: 57)

A importância que o autor dá a experiência pode ser percebida também em “O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Esse afirma que a “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores” e que a figura do narrador “só se torna plenamente tangível” na presença de dois grupos: o dos viajantes e daqueles que nunca saíram de seus países e que por isso conhecem profundamente as

tradições e histórias do lugar. (BENJAMIN, 1985: 198)

Essa posição proposta por Benjamin, envolvendo experiência e narração, assegura ao narrador uma condição de veracidade. Isso porque a experiência inscreve-se numa noção temporal partilhada por várias gerações de um mesmo grupo, que pressupõe um continuum de tradições, constituindo coesão e permanências. São pessoas cuja geografia mistura-se com a cartografia de seus espaços, os conhece – e se reconhecem – em “todos os cantos” e que por isso têm muita histórias para contar, histórias de pessoas que por ali passaram, que ali vivem e viveram:

...o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila a sua substância mais íntima aquilo que sabe ouvir dizer). Seu Dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 1985: 221)

Porém, essa capacidade de narrar que se liga à experiência está se perdendo para Benjamin. A ascensão do capitalismo e a consolidação da burguesia como classe dominante forjam novas subjetividades, diferentes da existente até então, criando uma condição de interiorização que leva lentamente a transferência do domínio coletivo para o privado:

No domínio psíquico, os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas (...) A história do si vai, pouco a pouco, preencher o papel deixado vago pela história comum (...). Essa interiorização psicológica é acompanhada por uma interiorização especificamente espacial: a arquitetura começa a valorizar, justamente, o “interior”. A casa em particular torna-se uma espécie de refúgio contra um mundo exterior hostil e anônimo. (Gagnebin, 1999: 59).

A psicanálise só poderia surgir daí. Benjamin capta muito bem esse momento de reorganização da subjetividade, e situa nesse contexto o surgimento de um novo conceito de experiência, em oposição àquele de *Erfarung* (Experiência), o do *Erlebnis* (Vivência), que reenvia à vida do indivíduo particular, na sua infável preciosidade, mas também na sua solidão. (Gagnebin, 1999: 59)

Essas condições, ocorridas em fins do séculos XIX, associada à alteração temporal trazida pelo capitalismo, constituído de deslocamentos e rupturas em oposição ao tempo típico das sociedades artesanais, seria uma das formas de

fragmentações da experiência. A essa nova lógica temporal, associa-se o desenvolvimento rápido das técnicas que impedem a assimilação das mudanças pela palavra e, conseqüentemente, ao fim da arte de narrar.

Essas alterações podem ser percebidas na análise que Benjamin faz da morte, ao fixar esse momento como crucial na arte de narrar, esse demonstra que o ambiente criado em torno do sujeito próximo da morte é puro de *Erfarung* (Experiência). O novo sentido que a burguesia cria a esse momento, ao retirar a morte da casa e transferi-la para outros ambientes é negar esse sentido maior e inviabilizar a tradição da narração em seu apogeu. É um fragmento social que demonstra, em escala mais ampla, as novas condições de narração e experiência.

A leitura desses textos e as condições que apresentam apontam caminhos importantes para pesquisadores interessados no trabalho com histórias de vida e podem nos ajudar a responder questões fundamentais que envolvem tal proposta metodológica.

Muitas interpretações redutoras, feitas dessas obras de Benjamin, tendem para um lado melancólico: o da condição irreversível da perda da narração. Essa leitura equivocada poderia nos levar a inferir a condição cada vez mais impossível do trabalho com narrativas biográficas, uma vez que a experiência que constrói a figura do narrador não mais existe. O que caberia, portanto, ao pesquisador de biografias? Somente o lamento por um passado que se perdeu? O trabalho com biografias seria, assim, o de descrever um tempo que figura em lembranças individuais?

Ora, o caminho defendido por Benjamin é, exatamente, outro. Ele propõe que apreendamos esse momento para dele tirar instrumentos revolucionários, que possam alterar as condições sociais produzidas.

Assim, sua concepção de rememoração do passado, de retorno no tempo, não se faz por simples lembranças descritivas, mas mais do que isso é “também uma transformação do presente tal que, se o passado aí perdido for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja ele também, retomado, transformado.” Afinal, “(...) nada do que alguma vez tenha acontecido pode ser considerado perdido para a história.” (Gagnebin, 1999: 16)

Entra aqui a noção de origem (“*Ursprung*”), este conceito tão presente nas obras de Benjamin, pressupõe uma apreensão da história, não no sentido cronológico, mas sobretudo no sentido de intensidade. Na tese XVI, o autor fala em saltos, saltos de eventos históricos que rompam com a historiografia tradicional, construída no sentido de dominação. O caminho seria portanto, a partir de uma coesão entre passado e presente, o rompimento, de desmonte. Uma destruição da história que possa nos conduzir para uma outra representação, eis o grande papel do *Ursprung*.

No início das “Teses Sobre a Filosofia da História”, Benjamin dá uma série de indícios dessa situação, mais especificamente na Tese II:

Em outras palavras, à idéia de felicidade inelutavelmente se associa a idéia de salvação. O mesmo ocorre com a concepção de passado que a história converte em coisa sua. O passado arrasta consigo um índice secreto que remete à salvação. Será que não nos tange então uma lufada daquele vento que girou em torno dos ancestrais? Será que não há, em vozes a que prestamos atenção, um eco de vozes agora silenciadas? Será que as mulheres que cortejamos não têm irmãs que elas mesmas não chegaram a conhecer? Se assim é, então existe um acordo secreto entre as gerações passadas e a nossa. (BENJAMIN, 1987)

Assim, o nosso papel enquanto pesquisador, muito mais do que um tom melancólico pela perda do passado, é o de ser revolucionário. Centra-se na apreensão do passado – enquanto leitor das narrativas biográficas que nos são contadas – para delas criarmos condições de alterar o presente. Partindo do indivíduo, que as condições sociais agora criou, resgatar sua coletividade, transformar vivências em experiências no sentido benjaminiano, promover a passagem de Erlebnis para Erfahrung. Pois como nos coloca Konder (1988: 54) “Todo o passado está carregado de possibilidades de futuro que se perderam”. É, portanto, o “futuro do pretérito”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Ed. brasileira: São Paulo. 1985

_____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. Coleção Encanto Radical. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

NÓVOA, António (Org). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992. REGO, José L. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.